

PRIVACIDADE HACKEADA: LEITURA CRÍTICA E REVERBERAÇÕES BAKHTINIANA E VIGOTSKIANA

ENRICO DE CASTRO CARVALHO SILVA*


Universidade de Taubaté (UNITAU), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA), Taubaté, SP, Brasil.

Recebido em: 20 out. 2020. Aprovado em: 18 nov. 2020.

Como citar este artigo: CARVALHO SILVA, E. de C. *Privacidade hackeada: leitura crítica e reverberações bakhtiniana e vigotskiana*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 21, n. 2, p. 253-270, maio/ago. 2021. doi: 10.5935/cadernosletras.v21n2p253-270

Resumo

Este estudo apresenta uma leitura crítica do documentário *Privacidade hackeada*, dirigido por Amer e Noujaim (2019), com o objetivo de analisar como os enunciados concretos presentes nele evidenciam o uso de dados pessoais dos usuários do Facebook para indução de comportamentos de massa por meio da afetividade. O aporte teórico se baseia nas concepções de enunciação e responsividade, de Bakhtin e o Círculo, cognição e afetividade, de Vigotski (2010), e cultura, de Ferrara (2009) e Santaella (2003). O procedimento metodológico de pesquisa é qualitativo interpretativo, do tipo documental. Os resultados deste

* E-mail: enrico.carvalho2013@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-9248-860X>

estudo evidenciaram o uso de dados digitais como recurso de direcionamento do ato responsivo.

Palavras-chave

Responsividade. Afetividade. Cibercultura.

INTRODUÇÃO

A Análise Dialógica do Discurso (ADD) é uma perspectiva linguística que busca compreender a dinamicidade enunciativa em virtude das relações que o indivíduo estabelece com a sociedade em que está inserido. Por conta disso, os conceitos elaborados por Bakhtin e seu Círculo são inter-relacionais e complementares; assim, a explicitação de outro conceito é uma opção metodológica.

De forma semelhante, a abordagem vigotiskiana perpassa a linguística e a psicologia, sendo indissociáveis os conceitos atrelados à linguagem, à cognição e à afetividade. Portanto, os enfoques conceituais vigotiskianos e bakhtinianos foram selecionados de modo a compreender os processos de enunciação no contexto da cibercultura/cultura digital contemporânea.

A presente pesquisa apresenta uma leitura crítica do documentário *Privacidade hackeada*, dirigido por Amer e Noujaim (2019), sob o enfoque da análise contextual, com destaque para as funções histórica e pragmática dessa produção audiovisual.

Essa abordagem deve-se à necessidade de compreensão do impacto do uso de dados dos usuários do Facebook no processo eleitoral no contexto da cibercultura. Desse modo, objetiva-se analisar como os enunciados concretos presentes em *Privacidade hackeada* evidenciam o uso de dados pessoais dos usuários do Facebook para indução de comportamentos de massa por meio da afetividade.

O referencial teórico, desenvolvido por meio de metodologia qualitativa interpretativa, é fundado nas concepções de enunciação e responsividade, de Bakhtin e o Círculo, e de percepção da influência do meio na afetividade e intelecto, de Vigotski (2010). Além disso, tendo em vista o objeto de estudo atrelado à linguagem digital, faz-se necessário mobilizar também as perspectivas de cibercultura de Ferrara (2009) e de cultura digital de Santaella (2003).

Este estudo é dividido em três seções: ficha técnica e síntese narrativa do documentário; contextualização histórica das condições de produção enunciativa sob o âmbito da cibercultura e cultura digital; e análise de recortes enunciativos por meio das abordagens vigotskiana e da ADD.

SÍNTESE NARRATIVA

O documentário *Privacidade hackeada (The Great Hack)* traz uma narrativa sobre a utilização, pela empresa Cambridge Analytica, de dados dos usuários do Facebook. O RottenTomatoes (2019) avaliou como 7,20 a produção audiovisual, além de divulgar a ficha técnica a seguir:

Quadro 1 – Ficha técnica de *Privacidade hackeada*

Ficha técnica	
Gênero	Documentários
Linguagem original	Inglês
Diretor	Karim Amer, Jehane Noujaim
Produtor	Karim Amer, Geralyn White Dreyfous, Judy Korin
Data de lançamento (cinemas)	24 de julho de 2019 Triagem
Data de lançamento (streaming)	24 de julho de 2019
Tempo de execução	2h 15m
Co produção	Netflix

Fonte: RottenTomatoes (2019).

Os diretores Amer e Noujaim (2019) articulam uma narrativa que se ambienta no contexto da cibercultura contemporânea, que apresenta o valor mercadológico dos dados privados de usuários da internet, bem como a dinâmica de acesso desses dados pelas empresas, além da sua utilização por elas para induzir comportamentos nos indivíduos, sendo esse último aspecto o foco deste estudo.

A figura central da narrativa é Brittany Kaiser, que ocupou a função de diretora de desenvolvimento de negócios na empresa Cambridge Analytica. As enunciações presentes no depoimento de Kaiser evidenciam que dados

peçoais de usuários da internet são coletados pelas corporações e usados para induzir comportamentos.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA ENUNCIATIVA

Ferrara (2009) apresenta um breve percurso histórico sobre as ressignificações da relação entre tempo e espaço desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade. É exposto que os movimentos na contemporaneidade são registrados digitalmente por captações eletromagnéticas, que fazem com que haja um monitoramento tanto das atividades humanas quanto das atividades da natureza. É nessa realidade que o percurso enunciativo de *Privacidade hackeada* se desenvolve.

É posto que as telecomunicações contribuíram para que o tempo se tornasse espaço, para que passado, presente e futuro se fundissem para além da cronologia. Assim, o espaço torna-se um elemento contínuo, e sua fluidez faz com que essa unidade absorva o tempo.

A nova concepção de tempo/espaço sofre entraves na medida em que esbarra em barreiras paradigmáticas físicas e filosóficas. A dificuldade de enfrentamento dos paradigmas se dá pela complexidade de apreensão da velocidade das múltiplas realidades.

A consolidação do ciberespaço como paradigma do conhecimento contemporâneo é atrelada, segundo a visão de Ferrara (2009), ao paradoxo da possibilidade de deslocamento sem a necessidade de sair do lugar.

O tempo discursivamente concebido promove uma ruptura com a narrativa histórica, que mensura uma duração. Desse modo, a cibercultura possibilita a vivência simultânea de vários tempos e espaços sem uma ordenação linear e estável. Além disso, os paradigmas binomiais são diluídos configurando uma realidade heterogênea e em constante transformação.

A cultura do espaço ciber é caracterizada pela autora como diluída em temporalidades e espacialidades. A consequência epistemológica dessa característica está voltada para o rompimento de uma razão vinculada a um sujeito fixo ao espaço.

Diante desse contexto, a comunicação apresenta dois vieses: o científico e o ético. A expansão das realidades dificulta que a comunicação vincule valores e controle comportamentos. Segundo a teórica, o agrupamento social massifi-

cado “se dissolve como objeto de manipulação, o público torna-se tão grande e diversificado que já não se sabe o que comunicar, porque não se conhece o receptor e, muito menos, o modo certo de atingi-lo” (FERRARA, 2009, p. 76).

O termo “receptor” é significado como o indivíduo que consome informações e produtos, posicionado na dinâmica de adaptação e sobrevivência das megalópoles. Nesse sentido, a autora destaca um processo de urbanização de intensa metamorfose de valores, comportamentos e ofertas de bens de consumo, que impedem a consolidação de uma visão hegemônica quanto à política, à ciência, à economia e à ideologia.

Assim, a estabilidade da realidade, provocada por constantes transformações do mundo contemporâneo, vincula a memória ao tempo presente. Esse vínculo causa uma busca por identidade e conservação.

Essa perspectiva reverbera na concepção de Santaella (2003) sobre cultura, a de que o espaço geográfico é remodelado pela comunicação midiática. O território não é mais localizado, é fragmentado globalmente, assim como os indivíduos que o ocupam virtualmente.

É possível perceber que o conceito de cultura construído por Santaella (2003) se pauta na coexistência e na dinamicidade. É posto que a caracterização da cultura em seis eras se articula para a melhor compreensão das complexidades de cada período, sob o enfoque do desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação. Contudo, os elementos característicos de cada era não são suplantados linear e cronologicamente.

O enfoque dado à pesquisa é o processo de transição da cultura das mídias para cultura digital. Para isso, Santaella (2003) lança mão da descrição sobre o processo de fusão entre meio de comunicação e mensagem.

As mensagens são constituídas levando em conta os sistemas de signos inseridos nos veículos de comunicação. Essa inserção passa por um processo denominado complexificação por Santaella (2003), que se refere ao percurso de incorporação das tecnologias tradicionais de comunicação pelas novas, porém mantendo uma dinâmica de coexistência.

Os anos 1980 são apontados como um marco para a consolidação das mensagens híbridas e misturas de linguagem, características que definirão a cultura das mídias. Além disso, uma das principais contraposições apontadas entre a cultura de mídia e a anterior cultura das massas é a possibilidade de escolha de consumo individualizado de informação e entretenimento mediante a multiplicidade de veículos de comunicação.

Diante dessa complexidade e diversidade midiáticas, o computador e as redes de telecomunicações são elementos centrais na influência do acesso e circulação das informações na constituição cultural da sociedade na era da cultura digital. Sobre essa dinâmica, Santaella (2003) conclui ser necessária uma postura dialética entre realismo virtual, realismo ingênuo e idealismo das redes, para ser viável a compreensão da pós-humanidade consequente da cultura digital.

O conceito de pós-humano é trazido como uma consequência da era da cultura digital. Na medida em que as tecnologias se tornam autoevolutivas e, ao mesmo tempo, refletem os paradoxos dos seus criadores humanos, há uma fusão entre o tecnológico e o humano, configurando um novo ser. A partir desse ponto, é possível uma análise vigotskiana sobre a cognição e a afetividade desse novo ser, que é o protagonista da narrativa de *Privacidade hackeada*.

ANÁLISE DE ENUNCIADOS CONCRETOS

Para o desenvolvimento da análise discursiva do documentário *Privacidade hackeada*, cabem alguns apontamentos prévios. Num primeiro momento, serão desenvolvidas as concepções da ADD sobre enunciado concreto e ato responsivo e responsável, porém cabe destacar que esses conceitos não se apresentam de modo isolado e dialogam com a completude da perspectiva bakhtiniana de linguagem. Num segundo momento, estará presente a visão vigotskiana sobre construção de conceitos influenciada pelo meio (concebido diante da ótica da cibercultura) e pela afetividade. Finalmente, essas duas abordagens de linguagem serão articuladas nas análises do material verbal de cinco excertos narrativos do documentário objeto deste estudo.

O conceito de enunciação na perspectiva bakhtiniana não é estanque, há previsão de uma dinamicidade, como apontam Brait e Melo (2018). O início de uma enunciação está atrelada aos enunciados anteriores, provenientes de outros sujeitos, e o fim, por sua vez, é dotado de responsividade por enunciados posteriores. Dessa forma, a percepção de início e fim de uma enunciação é um recorte de um processo comunicativo contínuo.

Volóchinov (2018) expõe que a significação enunciativa está vinculada a significados circulantes de um contexto ideológico, que se transforma ao longo do tempo. Assim, a significação enunciativa não é estanque, mas um processo

dinâmico atrelado às condições dialógicas. O diálogo, na concepção bakhtiniana, é estruturante da linguagem.

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva independentemente do tipo (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219).

O diálogo não se restringe apenas aos indivíduos, uma vez que, para a ADD, o ser humano constitui-se por meio da linguagem; há diálogo entre enunciações. Por isso, não existe enunciado isolado e monológico, mas cadeias de enunciados, processos de enunciação.

Nesse sentido, resta claro que a ideia bakhtiniana de enunciação, além de ser composta por elementos sócio-históricos e culturais, prevê um movimento de continuidade, pois “liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos” (BRAIT; MELO, 2018, p. 68).

O enunciado concreto é apenas um elo dentro de uma cadeia discursiva, portanto a análise dos momentos enunciativos em *Privacidade hackeada* não pode ser descolada do contexto da cultura digital, da potencialidade de discursos responsivos posteriores e da sua destinação.

Não há como conceber enunciado sem levar em conta o endereçamento do pensamento, da intencionalidade discursiva. Caso contrário, há apenas uma unidade linguística isolada, pois “são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão do que já falamos) e destinatário” (BAKHTIN, 2011, p. 301).

A perspectiva bakhtiniana atribui ao pensamento o significado de ato responsável:

Cada um de meus pensamentos, com seu conteúdo, é um ato singular responsável meu, é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência são um momento do meu viver-agir (BAKHTIN, 2017, p. 44).

Sob o olhar do Círculo de Bakhtin, o ato está atrelado à responsabilidade, e, em termos discursivos, o *Eu* está vinculado ao seu dizer. Assim, a resposta

enunciativa posterior e responsiva do *Outro* (socialmente concebido) volta-se para a intencionalidade de quem agiu discursivamente. Nesse sentido:

[...] o sujeito humano é marcado pela ausência de “álibi” na vida, isto é, de que cada sujeito deve responder por seus atos sem que haja uma justificativa *a priori*, de caráter geral, para seus atos particulares, e, do outro, a ideia de que a entoação avaliativa, ou assunção de uma dada posição no mundo humano, é a marca específica do agir dos seres humanos (SOBRAL, 2018, p. 104).

É perceptível, então, que o ser humano age discursivamente de um lugar social e atrelado a um contexto sócio-histórico. Contudo, para o Círculo de Bakhtin, a subjetividade do indivíduo não é diluída no grupo a que ele pertence. Esse lugar social é, segundo Fiorin (2011), singular e possibilita que a ação de um sujeito seja individual e, assim, exista uma posição ética de responsabilidade por ela.

Exposta a visão bakhtiniana sobre singularidade e responsabilidade sobre o agir discursivo, é possível a articulação desses conceitos com a concepção vigotskiana de linguagem como meio para a construção de conceitos. O ato singular dos sujeitos impactará a percepção cognitiva que o outro fará da realidade.

A concepção vigotskiana de formação de conceitos tem como pressuposto o conhecimento mediado por sistemas simbólicos. Assim, a linguagem é essencial nesse processo, na medida em que possibilita o intercâmbio social e o pensamento generalizante.

É necessário pontuar que a teoria de Vigotski diferencia conceitos cotidianos e conceitos científicos de forma inter-relacional. Os conceitos cotidianos que o indivíduo tem sobre determinado tema são os que possibilitarão a construção dos conceitos científicos abstratos. Assim, é necessário que exista um articulador entre os conhecimentos espontâneos e científicos intervindo no processo de formação para possibilitar situações em que o indivíduo abstraia e generalize.

No contexto discursivo de *Privacidade hackeada*, é possível notar que as enunciações produzidas pelas corporações, que circularam na esfera das redes sociais, possibilitaram a construção de conceitos generalizantes e estruturantes sobre a consciência da realidade em diversos momentos.

Oliveira (1992) evidencia a particularidade que as relações sociais têm na concepção de Vigotski sobre a consciência. Ressaltam-se as diferenciações da

consciência vigotskiana com relação às perspectivas marxistas e às teorias psicanalíticas. A psicanálise atrelava a consciência ao inconsciente, e o marxismo associava o conceito de consciência às relações entre classes sociais.

Há aqui um ponto de contato entre o Círculo de Bakhtin e Vigotski, no sentido de reelaboração das concepções epistemológicas sobre consciência, que, na perspectiva bakhtiniana, é essencialmente social. O mundo interior do sujeito assimila as possibilidades de expressão verbal do exterior social.

Enquanto a consciência permanece na cabeça daquele que pensa como um embrião verbal da expressão, ela é apenas uma parte muito pequena da existência, com um campo de ação reduzido. No entanto, quando ela passa todos os estágios da objetivação social e entra no campo da força da ciência, da arte, da moral, do direito, ela se torna uma verdadeira força, capaz até de exercer uma influência inversa nas bases econômicas da vida social. É claro, a força da consciência está na sua encarnação em determinadas organizações sócias e na sua fixação em expressões ideológicas estáveis (VOLÓCHINOV, 2018, p. 212).

Por sua vez, Vigotski lançou para a consciência um olhar que previa uma “organização objetivamente observável do comportamento [...] imposta aos seres humanos através da participação em práticas sócio-culturais” (WERTSCH *apud* OLIVEIRA, 1992, p. 79). Assim, a consciência é uma construção da interação do indivíduo com uma sociedade culturalmente contextualizada.

Diante desses pressupostos Oliveira (1992) aponta dois argumentos que sustentam a indissociabilidade entre cognição e afeto: a relação entre sentido e significado e a construção do discurso interior. O processo de significação da palavra é caracterizado como um ato de pensamento verbal, estruturado pela abstração e generalização conceituais.

Portanto, são as experiências afetivas que exercem o papel de conferência de sentido (individual) ao significado (social) dos signos verbais. As palavras são inseridas num sistema linguístico que atribui possibilidade de significados socialmente compartilhados, que viabilizam a comunicação entre os indivíduos. Contudo, a escolha do sentido entre as possibilidades de significado está atrelada à afetividade.

Posteriormente a esse processo de utilização da linguagem com o objetivo de comunicação, há a internalização da linguagem e a construção do discurso interior:

No processo de aquisição da linguagem a criança primeiramente utiliza a fala socializada, com a função de comunicação, contato social. Em fases mais avançadas de sua aquisição, porém, a linguagem, utilizada inicialmente para intercâmbio com outras pessoas, é internalizada, e passa a servir ao próprio indivíduo. Isto é, ao longo de seu desenvolvimento, a pessoa passa a ser capaz de utilizar a linguagem como instrumento de pensamento, com a função de adaptação pessoal. A forma internalizada da linguagem, o chamado “discurso interior”, dirige-se, pois, ao próprio sujeito e não a um interlocutor externo (OLIVEIRA, 1992, p. 83).

Assim, resta claro que, para Vigotski, não há separação entre o desenvolvimento cognitivo e a afetividade. Na medida em que a construção de conceitos é mediada pela linguagem e esta, por sua vez, é um sistema simbólico, a atribuição de sentido será direcionada pelas experiências emocionais do indivíduo. Então, o salto qualitativo do pensamento será orientado emocionalmente, e, além disso, é a afetividade que trará singularidade na leitura que o indivíduo faz do meio social.

A abordagem que Vigotski (2010) desenvolve sobre meio é essencialmente social e relativa. O espaço permeado por pessoas que se intercomunicam exerce diferentes influências no desenvolvimento.

Um dos principais aspectos da perspectiva vigotskiana sobre o meio diz respeito à mudança da percepção que os sujeitos têm dele a depender da idade, uma vez que formas de interação sociogeográficas estão atreladas ao processo maturacional. Dessa forma, “os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência” (VIGOTSKI, 2010, p. 683).

Importante ressaltar que, sob a ótica vigotskiana, o desenvolvimento da personalidade não é estanque, modifica-se ao longo de toda a vida do indivíduo; dessa forma, é possível uma ampliação da influência do meio para além da fase infantil.

A vivência ou *pereživánie* (termo soviético original) é a unidade entre o meio e a personalidade dos sujeitos, é o elemento responsável pela plasticidade da personalidade a partir das interações sociais que acontecem no meio.

Além disso, é preciso ressaltar o aspecto dialógico entre vivência, personalidade e meio. A vivência influencia a constituição da personalidade, e a personalidade influencia a constituição da vivência. Dessa forma, o processo é inter-relacional e não pode ser estudado no âmbito metodológico de divisão em elementos.

[...] o meio desempenha no desenvolvimento da criança, no que se refere ao desenvolvimento da personalidade e de suas características específicas ao homem, o papel de uma fonte de desenvolvimento, ou seja, o meio, nesse caso, desempenha o papel não de circunstância, mas de fonte de desenvolvimento. [...] o meio desempenha, com relação ao desenvolvimento das propriedades específicas superiores do homem e das formas de ação, o papel de fonte de desenvolvimento, ou seja, a interação com o meio é justamente a fonte a partir da qual essas propriedades surgem na criança. E se essa interação com o meio for rompida, só por força das inclinações encerradas na criança as propriedades correspondentes nunca surgirão por conta própria (VIGOTSKI, 2010, p. 695, 697).

Sendo a linguagem, na concepção vigotskiana, um meio para a construção de conceitos, é possível articular que o agir discursivo do *eu* impactará a construção cognitiva que o *outro* tem da realidade. Além disso, cabe destacar que – diante do que foi exposto sobre a cibercultura e o contexto narrativo de *Privacidade hackeada* – o processo de construção de conceitos impulsionado pelo agir discursivo ocorre essencialmente na internet.

É diante desse dialogismo entre as concepções de linguagem bakhtiniana e vigotskiana que serão analisados os enunciados concretos a seguir. Importante o apontamento de que as enunciações quanto à forma são transcrições do áudio de dublagem. Assim, o enfoque da análise será a linguagem verbal em detrimento da visual. O conteúdo é composto pelas falas de Brittany Kaiser (ex-diretora de desenvolvimento empresarial da Cambridge Analytica), de Roger McNamee (investidor inicial do Facebook) e Carole Cadwalladr (jornalista investigativa do *The Guardian*) e uma apresentação de vendas da Cambridge Analytica.

Lembra dos questionários do Facebook que formavam modelos de personalidade para todos os eleitores norte-americanos? A verdade é que não focávamos em todos os eleitores norte-americanos por igual. A maior parte dos nossos recursos ia pra focar naqueles que ainda poderíamos fazer mudar de ideia. Os chamávamos de os persuasíveis. Eles estavam por toda parte do país, mas os persuasíveis que importavam eram aqueles em estados decisivos como Michigan, Wisconsin, Pensilvânia e Flórida. Cada um desses estados eram desmembrados em delegacias, então digamos que havia 22 mil eleitores persuasíveis nessa delegacia e se focássemos em pessoas persuasíveis suficientes nas delegacias corretas esses estados viram vermelhos no lugar de azuis. Nossa equipe criativa criava conteúdo personalizados para engatilhar esses indivíduos.

Os bombardeávamos através de *blogs*, artigos em páginas vídeos, anúncios, toda plataforma que você pode imaginar até eles virem o mundo do jeito que a gente queria que eles vissem. Até eles votarem no nosso candidato. É como um bumerangue: você envia seu dado, ele é analisado e ele volta pra você com mensagens focadas para mudar o seu comportamento (KAISER in AMER; NOUJAIM, 2019, 41min).

O conteúdo dessa enunciação evidencia o agir discursivo da empresa Cambridge Analytica no contexto das eleições norte-americanas de 2016. Com a posse de dados dos usuários do Facebook, foi possível para a empresa direcionar enunciações afetivamente impactantes para afetar a cognição dos usuários.

Levando em conta que a produção dessas enunciações, de autoria corporativa, está atrelada à cibercultura/cultura digital, é indispensável elucidar a caracterização do público leitor. O alvo das enunciações é composto pela convergência entre os usuários do Facebook e o eleitorado persuasível. Assim, não há um simples sujeito que usa redes sociais para se comunicar, mas um eleitor em potencial.

Quando Brittany Kaiser afirma que “os estados viram vermelhos no lugar de azuis”, significa que a dominância eleitoral do Partido Republicano de Donald Trump foi conquistada, a responsividade discursiva, nesse caso, fica explícita na frase: “Até eles votarem no nosso candidato”.

Essa conquista discursiva advém do conteúdo afetivo das enunciações. O documentário mostra, num segundo plano, durante a fala de Kaiser, exemplos de enunciados aos quais os eleitores foram expostos para que vissem o mundo pela narrativa do Partido Republicano. Um preenchimento afetivo que afetou a cognição dos usuários do Facebook foi a vulnerabilidade dos Estados Unidos diante do terrorismo. Dessa forma, a construção do sentimento de medo contribuiu para que a figura de Donald Trump fosse assimilada como possibilidade de proteção do país.

Somos uma agência de modificação de comportamento. O santo graal das comunicações é quando você consegue começar a mudar comportamento. Essa é uma ótima história de caso sobre como olhamos para os problemas. Existem dois partidos políticos principais: um para os negros e outro para os indianos e eles ferram um com o outro. Então, estamos trabalhando para os indianos. Fomos até o cliente e dissemos “queremos focar na juventude”. E tentamos aumentar a apatia. A campanha tinha que ser não política, porque as crianças não ligam para política, tinha que ser reativa porque eles são preguiçosos.

Então, criamos uma campanha que era “ser parte da gangue”, “faça uma coisa legal, seja parte do movimento”. E chamamos a campanha de *Não vou!*. Significa eu não vou votar. É um sinal de resistência contra não o governo, mas contra a política e o voto. Eles estão fazendo os próprios vídeos do YouTube. Esta é a casa do primeiro-ministro que está sendo grafitada. Foi uma carnificina. Nós soubemos disso quando chegou a hora do voto e todas as crianças afro-caribenhas não votaram porque estavam no *Não Vou!*. Mas todas as crianças indianas faziam o que os pais delas mandavam, que é ir lá e votar. Eles se divertiam muito fazendo isso, mas eles não vão contra a vontade dos pais. E a diferença na faixa de uns 18 a 35 foi na margem de uns 40%. E isso alterou a eleição em cerca de 6%, que era o que precisávamos numa eleição que é tão acirrada. Agora comandamos dez campanhas nacionais para primeiro-ministro ou presidente a cada ano (CAMBRIDGE ANALYTICA in AMER; NOUJAIM, 2019, 1h1min).

Nessa enunciação, que, em termos bakhtinianos de gênero discursivo, pode ser caracterizada como apresentação de vendas, está presente explicitamente o aspecto da ausência de alibi, pois a empresa se responsabiliza pelo seu agir discursivo na medida em que apresenta a “modificação do comportamento” como produto a ser vendido.

A “história de caso”, referida nessa enunciação, diz respeito à metodologia utilizada em Trinidad e Tobago. Novamente a abordagem discursiva de construção de uma realidade envolve a afetividade. Considerando o conceito de *pereživánie* vigotskiano, as enunciações produzidas pela Cambridge Analytica levaram em conta o meio e a personalidade para influenciar comportamentos.

O movimento “Não vou!” teve seu tom valorativo direcionado para parecer que a emergência das enunciações fosse originária dos jovens da sociedade civil e não de uma dicção empresarial. Elementos da personalidade, como a apatia e a preguiça, foram considerados para mobilizar um discurso que fez com que a inércia do não comparecimento às urnas fosse um ato de resistência política, quando na realidade a ausência de votos consolidou o resultado eleitoral de vitória do partido indiano.

Foi um momento muito chocante quando a Brittany disse que isso era uma tecnologia classificada como arma e que era ilegal usar isso sem a permissão do governo britânico. É PSYOPS. PSYOPS significa operações psicológicas. É um termo que os militares usam para descrever o que você faz na guerra que não é batalha. Então, essencialmente, em um lugar como o Afeganistão, você tem uma escolha: ou você bombardeia a porra toda no vilarejo ou você tenta usar

outras técnicas para persuadi-los que o Talibã não é muito bom, que eles ficariam melhor sem eles. Eles trabalham no Afeganistão. Eles trabalharam no Iraque. Eles trabalharam em vários outros lugares do Leste Europeu. Mas o que mudou o jogo foi o início do uso de uma guerra de informações nas eleições. Todas as campanhas que a Cambridge Analytica/SCL fez para os países em desenvolvimento era sobre a prática de uma nova tecnologia ou truque. Como convencer pessoas, como suprimir a participação, ou como aumentar participação. E aí, depois que pegaram o jeito disso, foram usar na América e na Grã-Bretanha (CADWALLADR *in* AMER; NOUJAIM, 2019, 1h12min).

O enunciado de Carole Cadwalladr evidencia que a coleta de dados dos usuários do Facebook, para delinear a personalidade do público leitor, é uma estratégia que mobiliza uma tecnologia discursiva. A esfera digital de circulação enunciativa leva em conta o pensamento socialmente concebido.

As concepções bakhtinianas e vigotskianas de pensamento e consciência levam em conta o processo de significação dialógico entre o *Eu* e o *Outro* social. A terminologia “guerra de informações”, nesse caso, diz respeito à produção de enunciações que sejam significativas para construir narrativas que impactem o pensamento e a consciência sociais.

O Facebook é criado para monopolizar a atenção. Ao tirar todos os truques básicos de propaganda, juntando-os com os truques de apostas em cassino, como os caça-níqueis e similares, e, basicamente, brincar com instintos e medo e raiva, são as duas formas mais certeiras de fazer isso. Então, eles criaram uma série de ferramentas para permitir que anunciantes explorassem essa audiência emotiva com focalização individual, correto? Existem 2,1 bilhões de pessoas, cada uma com sua realidade e, assim que todos tiverem suas próprias realidades, é relativamente fácil manipulá-las (MCNAMEE *in* AMER; NOUJAIM, 2019, 1h23min).

O conceito de conclusibilidade bakhtiniana prevê o potencial que um processo enunciativo tem para gerar significados para além do ponto final, uma vez que num diálogo há alternância de sujeitos numa dinâmica de réplica enunciativa. Assim, toda “réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Diante da complexidade desse processo, é essencial considerar as características da personalidade dos indivíduos leitores. Dessa forma, levando em

conta que os sujeitos constroem seus pensamentos a partir de um contexto sócio-histórico, o discurso midiático/digital é um norteador do modo de pensar.

O enunciado de Roger McNamee mostra uma dinâmica de direcionamento da responsividade diante da conclusibilidade das enunciações ciber/digitais, a partir do desenho da personalidade do indivíduo. A depender do meio em que o sujeito está inserido, diferentes experiências provocarão medo, raiva e demais emoções. Assim, a “focalização individual” demanda um indivíduo socialmente localizado para que se norteie uma responsividade enunciativa, que construirá realidades subjetivas oportunas para os detentores de informações e dados.

Nós, literalmente, não podemos ter uma eleição livre e justa nesse país. E não podemos tê-la por conta do Facebook. Porque os gigantes tecnológicos ainda estão saindo ilesos. Parece bem apocalítico, mas acho que estamos entrando em uma nova era. Podemos ver que os governos autoritários estão crescendo. E estão todos usando essa política de ódio e medo no Facebook. Olha pro Brasil. Tem um extremista de direita que foi eleito. E nós sabemos que o WhatsApp, que é parte do Facebook, estava claramente envolvido na disseminação de notícias falsas lá. E olha para o que aconteceu em Myanmar. Existem provas de que o Facebook foi utilizado para incitar o ódio racial, o que causou um genocídio. Nós também sabemos que o Governo Russo estava usando ferramentas do Facebook nos Estados Unidos. Existem provas de que a inteligência russa criou memes falsos do “black lives matter”. E, quando as pessoas clicavam neles, elas eram levadas para páginas que convidavam para protestos que eram organizados pelo governo russo. Ao mesmo tempo eles estavam preparando páginas mirando em grupos adversários, como o “blue lives matter”. Isso é para gerar o medo e o ódio e fazer o país virar contra si próprio. Dividir e conquistar. Essas plataformas, que foram criadas para nos conectar, agora viraram armas. E é impossível saber o que é o quê, porque isso está acontecendo nas mesmas plataformas que conversamos com nossos amigos e compartilhamos fotos de bebês. Nada é o que parece (CADWALLADR *in* AMER; NOUJAIM, 2019, 1h36min).

Esse segundo recorte enunciativo por Carole Cadwalladr atrela o agir discursivo à responsabilidade. Dentro da concepção bakhtiniana de linguagem, não existe neutralidade discursiva, pois tudo é direcionado para produzir sentidos determinados dentro de uma arena de negociação. Portanto, as grandes corporações, que articulam enunciações de grande amplitude – considerando a extensão imensurável da esfera de circulação das redes sociais –, exercem controle cognitivo por meio do discurso vinculando comportamentos.

Esse poder sob o comportamento social está estruturado na capacidade de provocar emoções que serão constitutivas para a construção de significados. A possibilidade de direcionamento da responsividade enunciativa tem sido usada para dar acesso à liderança dos Estados para os governos autoritários. É nesse sentido a impossibilidade de uma “eleição livre e justa” em diversos países ao redor do mundo.

A extensão desse poder discursivo está vinculada à monetização da informação e ao acesso a dados privados de usuários. Assim, com a identificação de desenho da personalidade dos indivíduos, as grandes corporações da internet conseguem, por meio do discurso, induzir as pessoas a se comportarem de forma interdestrutiva. O lucro vem da vulnerabilidade ao discurso midiático e da indução ao consumo e, agora, ao comportamento político nas urnas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo e o espaço da cibercultura/cultura digital não se restringem à localização, e isso impacta a tecnologia discursiva utilizada pelas corporações para induzir comportamentos nos indivíduos.

O diálogo entre vozes políticas é ampliado globalmente com o advento da internet. Essa extensão global da linguagem digital potencializa a conclusibilidade enunciativa, tornando o mapeamento de dados essencial para delinear a responsividade enunciativa.

Assim, *Privacidade hackeada* evidencia que a responsividade, além de enunciativa, é comportamental. As enunciações da produção audiovisual analisadas elucidam a dinâmica do uso de dados privados dos usuários do Facebook como recurso de controle afetivo/cognitivo por meio da construção de realidades que direcionam o ato responsivo político.

The Great Hack: critical reading and the Bakhtinian and Vigotskian reverberations

Abstract

This study presents a critical reading of the documentary *The Great Hack*, directed by Amer and Noujaim (2019). The aim of this study was to analyze

how the concrete statements present in *The Great Hack* show the use of Facebook users' personal data to induce mass behaviors through affection. The theoretical contribution refers to the concepts of enunciation and responsiveness by Bakhtin and the Circle, cognition and affectivity by Vigotski (2010), culture of Ferrara (2009), and Santaella (2003). The methodological research procedure is qualitative interpretive, of documentary type. The results of this study showed the use of digital data as a resource to guide the responsive act.

Keywords

Responsiveness. Affectivity. Cyberculture.

REFERÊNCIAS

- AMER, K.; NOUJAIM, J. *The Great Hack*. Prod. Netflix, 2019.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. 3. ed. Tradução Valdemir Miottello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunicação. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 61-78.
- FERRARA, L. D. O espaço líquido. In: CAZELOTO, E.; TRIVINHO, E. *A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. São Paulo: ABCiber – Instituto Itaú Cultural, 2009. p. 70-78.
- FIORIN, J. L. Resenha. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 205-209, 1º semestre 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4889/5081>. Acesso em: 10 out. 2020.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In: TAILLE, Y. la; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p. 23-34.
- SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos*, v. 10, n. 22, p. 23-32, 12 abr. 2003. Disponível em: <https://revistas-eletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229>. Acesso em: 10 out. 2020.
- SOBRAL, A. Ético e estético. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 103-121.

TOMATOES, R. *The Great Hack*. 2019. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/the_great_hack. Acesso em: 25 set. 2020.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução Márcia Pileggi Vinha. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400003. Acesso em: 10 out. 2020.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.